

Fé e pluralismo religioso: reflexão a partir da teologia de Paul Tillich

Claudio de Oliveira Ribeiro

RESUMO

A pesquisa girou em torno da confluência entre os pensamentos de Paul Tillich e os da teologia latino-americana no tocante à perspectiva pluralista de compreensão da fé. O pressuposto é que a vocação ecumênica, ao marcar as reflexões teológicas e pastorais, indica que o caráter de apologia, de sectarismo ou de exclusivismo são ou devem ser evitados. Deus é sempre maior do que qualquer compreensão ou realidade humana. Age livremente, em especial na ação salvífica. Nesse sentido, não é preciso estar excessivamente preocupado em descobrir quem é ou será salvo (para utilizar o imaginário comum dos cristãos); mas quem é e o que representa Jesus Cristo para a comunidade cristã. Essa perspectiva de Tillich o remete à busca de um novo paradigma para a teologia das religiões. Trata-se da superação dos seguintes modelos: o que considera Jesus Cristo e a Igreja como caminho necessário para a salvação; o que considera Jesus Cristo como caminho de salvação para todos, ainda que implicitamente; e aquele no qual Jesus é o caminho para os cristãos, enquanto para os outros o caminho é a sua própria tradição. A perspectiva pluralista, que advogamos, possui como característica básica a noção de que cada religião tem a sua proposta salvífica e de fé que devem ser aceitas, respeitadas e aprimoradas a partir de um diálogo e aproximação mútuas. Assim, a fé cristã, por exemplo, necessita ser reinterpretada a partir do confronto dialógico e criativo com as demais fés. O mesmo deve se dar com toda e qualquer tradição religiosa.

Palavras-chave: Tillich; pluralismo religioso; fé cristã; cristologia.

FAITH AND RELIGIOUS PLURALISM: A REFLECTION BASED ON THE THEOLOGY OF PAUL TILlich

ABSTRACT

This research addressed the confluence of the thoughts of Paul Tillich and the Latin American Theology regarding the pluralist perspective of

understanding of the faith. The underlying assumption lies in the ecumenical vocation, which marks the theological and pastoral reflections, indicating that the character of apology, sectarian or exclusivist are or should be avoided. God is always greater than any understanding or human reality. He acts freely, especially in the action of salvation. In this regard, there is no need to be overly concerned with who is or who will be saved (using the common imagination of Christians); but who is Jesus Christ and what he represents to the Christian community. This perspective makes Tillich search for a new paradigm for the theology of religions. It is about the overcoming of the following models: the one in which considers Jesus Christ and the Church as a necessary path to salvation; the one in which considers Jesus Christ as the way of salvation for all, even if it is implicit; and the one in which Jesus is the path for Christians while for others the path is his own tradition. The pluralist perspective we advocate is characterized by the basic notion that every religion has its proposal and saving faith that must be accepted, respected and enhanced from a mutual dialogue and rapprochement. Therefore, the Christian faith, for example, needs to be reinterpreted from the dialogical and creative confrontation with other faiths. The same should be true to any religious tradition.

Key-words: Tillich; religious pluralism; the Christian faith; Christology.

Introdução

O tema “Fé e Pluralismo Religioso” vem ganhando destaque no debate acadêmico atual. Em parte, tal ênfase se dá como resposta à realidade sociocultural onde encontramos nas últimas décadas maior visibilidade da diferença religiosa, no Brasil e no mundo, maior intensidade no debate sobre religião e democracia, especialmente os temas ligados à laicidade do Estado, mas também a ambiguidade de termos, ao mesmo tempo, situações conflitivas e busca de diálogo entre grupos religiosos distintos em diferentes áreas da vida social.

As raízes dessa preocupação teológica ganharam densidade ainda no século XIX quando os esforços missionários do mundo protestante na Ásia, na África e na América Latina, motivados pelo liberalismo teológico, descortinaram as questões ecumênicas e, mesmo em meio às propostas verticalistas de missão, suscitaram oportunidades de di-

álogo interreligioso, processos de aprendizagem e a fermentação de uma teologia ecumênica. Essas perspectivas, ainda que fragmentariamente, percorreram o século XX e desaguaram em fontes teológicas riquíssimas, como a de Paul Tillich (1886-1965), por exemplo. É dele o célebre texto “O significado da história das religiões para um teólogo sistemático”, conferência realizada dias antes de seu falecimento e publicada em *The Future of Religions* (1966).

No campo católico, sob os influxos dos ventos renovadores do Concílio Vaticano II (1962-1965), diversas experiências de diálogo interreligioso e de reflexão teológica sobre os temas emergentes dessa aproximação se fortaleceram. Teólogos como Karl Rahner, Hans Küng, Yves Congar e Edward Schillebeeckx forjaram novas perspectivas teológicas que, décadas mais tarde, passaram a ser aprofundadas e revistas. Há, desde os anos de 1990, um florescer de novas concepções teológicas oriundas das preocupações com o encontro e o desencontro do cristianismo com as demais religiões.

O século XXI, no tocante às questões do pluralismo religioso, começou de forma paradigmática. As repercussões dos conflitos políticos e econômicos entre Oriente e Ocidente, simbolizados na destruição das “Torres Gêmeas” no dia 11 de setembro de 2001, fizeram por despertar ainda mais a consciência em relação à importância de uma teologia das religiões ou de reflexões em diferentes áreas sobre o pluralismo religioso. Não se trata, aqui, de supervalorizar o papel e o lugar dos Estados Unidos, palco do referido evento, mas, de fato, com o ataque e os desdobramentos dele o tema das religiões ganhou evidência. Contraditoriamente, a dimensão ecumênica foi reforçada, uma vez que vários grupos e lideranças islâmicas do mundo inteiro, incluindo o Brasil, tiveram, por exemplo, espaços, tanto na mídia como em setores acadêmicos e eclesiais, para partilhar a fé e ressaltar, entre outros aspectos, que o islamismo é uma religião de paz. Tais repercussões deram maior densidade e visibilidade ao debate teológico e ecumênico.

Os desafios não pararam por aí. A perspectiva pluralista das religiões interpela fortemente o contexto teológico latino-americano, especialmente pela sua vocação libertadora e pelos desafios que advêm de sua composição cultural fortemente marcada por diferenças religiosas que se interpenetram nas mais diferentes formas. A Teologia Latino-

-Americana da Libertação, dentre os seus muitos desafios, tem elaborado uma consistente reflexão sobre os desafios do pluralismo religioso. O marco dessas reflexões foi a publicação da série *Pelos Muitos Caminhos de Deus*, de cinco volumes, sob os auspícios da Associação dos Teólogos e Teólogas do Terceiro Mundo (ASET).

Diante desses aspectos, nosso objetivo é refletir sobre a temática sob a ótica da teologia de Paul Tillich, consciente de que o contexto no qual esse renomado teólogo refletiu é distinto do atual, mas que ele indicou caminhos que podem ser repisados e repensados tendo em vista o encontro entre fé e pluralismo religioso.

1. O legado de Paul Tillich

Embora Tillich não se tivesse proposto formular uma teologia das religiões, há em sua produção teológica demonstrações relevantes dessa preocupação. A primeira foi a elaboração, em conjunto com Mircea Eliade, de “um tipo de teologia fundamentada na revelação universal de Deus na história das religiões” que, todavia, é “purificada pelo evento do Cristianismo enquanto religião particular” (BRAATEN, 1986, p. 27). Outra, foi o desejo dele, já no final de sua vida, de interpretar sua *Teologia Sistemática* a partir da história das religiões (TILICH, 1966). Mesmo por ocasião da produção dessa obra, o autor já indicava que, do ponto de vista metodológico, um sistema teológico necessita ser elaborado e refletido sempre em confronto com as questões advindas das críticas do pensamento secular, por um lado, e em diálogo criativo com o pensamento teológico de outras religiões, por outro. Além disso, é necessário considerar a relação entre catolicismo e protestantismo.

Nas palavras de Mircea Eliade:

Na sua *Teologia Sistemática* Tillich se dirigiu ao ser humano ocidental moderno, apegado à história e totalmente envolvido no mundo secular da ciência e tecnologia. Ele sentiu que uma nova teologia sistemática era necessária – uma teologia que leve em consideração não apenas a crise existencial e o vácuo religioso das sociedades ocidentais contemporâneas, mas também as tradições religiosas do mundo primitivo e da Ásia, junto com suas recentes crises e traumáticas transformações (ELIADE, 1966, p. 31).

É oportuno afirmar mais uma vez que o contexto da produção teológica de Tillich fazia ressaltar uma preocupação central com a crítica “atéia” da religião, em especial a partir do existencialismo, do freudismo e do marxismo. No contexto atual, em especial o latino-americano, o pensamento cristão necessita, além de pressupor os referidos questionamentos, debruçar-se nas questões que emergem com a explosão religiosa no mundo inteiro. Trata-se da “difícil passagem interpretativa da modernidade para a pós-modernidade” (GEFFRÉ, 1994, p. 268).

Nesse aspecto, seguimos a tese de Luiz Guilherme Kochem Mathias, “Teologia Sistemática e Religiões Mundiais: aproximações tillichianas ao tema da pluralidade religiosa” (2013), recentemente defendida na UFJF, que demonstra que para a compreensão do tema pluralismo religioso em Tillich devemos considerar não apenas o período da década de 1960, mas que é preciso levar em conta também os anos que antecederam à famosa viagem de Tillich ao Japão. É fato que no referido período a produção realizada apresenta os traços que podem ser considerados os mais significativos em se tratando da aproximação de Tillich à temática da pluralidade religiosa, mas ainda assim, estaríamos desconsiderando as fontes de onde emergiram. É comum, se focar na década de 1960, os últimos cinco anos da vida de Tillich, como se o tema do pluralismo religioso fosse, a partir desse período, novidade no pensamento teológico dele. Todavia, a referida tese mostrou que tal tarefa, além de incompleta, acabaria por se apresentar como insipiente porque não levaria em conta a produção sistemática de Tillich, ou mesmo a presença contínua da história da religião no pensamento dele, a preocupação com as quasi-religiões (comunismo, nacionalismo e humanismo), o que em último desdobramento poderia nos levar até mesmo a contrapor esta última fase de sua produção intelectual à anterior, como se a Teologia Sistemática tivesse sido um trabalho equivocadamente ultrapassado e que agora, em vias de ser superada, Tillich iniciaria um trabalho de fato significativo. O que se defende, por exemplo, é que a viagem de Tillich ao Japão não foi o começo, mas um dos pontos altos do crescente interesse do autor que vai se transformar em textos e atividades acadêmicas na década de 1960. Mas, as suas raízes podem ser rastreadas retomando o caminho até aos anos alemães de Tillich. Essa é, em síntese, a tese de Mathias (2013).

2. A dimensão do diálogo

Paul Tillich, como temos visto, ofereceu, com sua teologia da cultura, um testemunho da natureza não-totalitária do Cristianismo. Ele fez a crítica ao absolutismo eclesiocêntrico da Igreja Católica Romana e à perspectiva exclusivista de Karl Barth, no contexto teológico protestante. Não obstante, questionou o modelo inclusivista, ao indicar a necessidade de se ressaltar o caráter absoluto do Cristianismo como uma religião histórica. A produção teológica de Tillich poderia ser um caminho para se repensar os modelos consagrados de teologia das religiões que se assentam nas expressões do exclusivismo, do inclusivismo e do relativismo, abrindo-se, portanto, à visão pluralista (DUPUIS, 1993, p. 75-88).

Tillich destacou, ao mesmo tempo, a importância do caráter normativo da cristologia para a teologia das religiões. Dessa forma, não se pode confundir o caráter particular do Cristianismo como uma religião histórica com o caráter particular de Cristo como mediador do absoluto na história (GEFFRÉ, 1994, p. 271).

Para desenvolver essas perspectivas, Tillich reflete sobre o paradoxo do Cristianismo baseado na “Palavra que se fez carne”. Outra dimensão, igualmente paradoxal, é o Cristianismo como religião histórica ser também compreendido como religião de revelação final. Para discernir tais paradoxos, Tillich recorre à concepção teológica da preocupação última e suprema (*Ultimate Concern*) como o critério de encontro entre religiões. O ponto culminante desses debates é a questão salvífica. Ela é crucial para o diálogo interreligioso, assim como para uma teologia das religiões.

Tillich, na referida conferência “O significado da história das religiões para um teólogo sistemático” (1965), apresenta cinco pressuposições sistemáticas para a abordagem teológica das religiões. A primeira é que as experiências de revelação são universalmente humanas. As religiões são firmadas sobre algo que é dado para o ser humano onde quer que ele viva. A ele é dada uma revelação, um tipo particular de experiência o qual sempre implica um poder salvífico. Revelação e salvação são inseparáveis, e há poder de revelação e de salvação em todas as religiões.

O segundo aspecto é que a revelação é recebida pelo ser humano nas condições de caráter alienado que possui e na situação humana finita e limitada. A revelação é sempre recebida em uma forma distorcida, especialmente se a religião é usada como “meio para um fim” e não como um fim em si mesma.

Em toda a história humana, não há somente experiências revelatórias particulares, mas há um processo revelatório no qual os limites de adaptação e as deficiências de distorção são sujeitos à crítica, seja mística, profética ou secular. Esse é o terceiro pressuposto.

O quarto é que há um evento central na história das religiões que une os resultados positivos dessa crítica e que nele e sob ele as experiências revelatórias acontecem. Um evento, portanto, que faz possível uma teologia concreta com um significado universal.

O último pressuposto é que a história das religiões, em sua natureza essencial, não existe ao lado da história da cultura. O sagrado não está ao lado do secular, mas ele é a sua profundidade. O sagrado é o chão criativo e ao mesmo tempo um juízo crítico do secular.

Com esses pressupostos, Tillich oferece indicações para uma teologia das religiões, entre as quais três estão relatadas a seguir. A compreensão do autor é que essa teologia reúne uma crítica e uma valorização positiva da revelação universal. Ambas são necessárias. A teologia das religiões, na visão de Tillich, ajuda os teólogos sistemáticos a entenderem o presente momento e a natureza do próprio lugar histórico do fazer teológico, tanto no caráter particular do Cristianismo como na reivindicação de universalidade deste.

2.1. O paradoxo da encarnação

O caráter paradoxal do Cristianismo origina-se no paradoxo “a Palavra se fez carne”. Compreende-se o significado da expressão “paradoxo” no fato de um evento transcender todas as expectativas e possibilidades humanas. Essa é a perspectiva de Tillich sobre a encarnação.

Tillich indicou que o caráter revelatório “em Jesus como o Cristo” – como centro da história – confere ao Cristianismo um progresso em relação à revelação final. Todavia, essa noção de progresso será relativizada em função da preocupação última já respondida nesse evento revelatório, que rompe o poder demônico na realidade. Nesse sentido,

fica excluída a concepção de um progresso horizontal como fim da história e ressaltada a noção de uma interação vertical da Presença Espiritual na história. Para as teologias de corte político como a latino-americana tal crítica é fundamental para conter desvios idolátricos.

A função essencial de Cristo como o Novo Ser é salvar a humanidade de sua alienação e renovar o universo. É em Jesus, confessado como o Cristo, que o Novo Ser, o qual é o princípio da transformação de toda a existência histórica e da renovação da criação, é manifestado. Trata-se de afirmar que “se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas” (II Coríntios 5. 17).

Ao mesmo tempo, é o Novo Ser em Jesus, como o Cristo, que constitui a norma material da *Teologia Sistemática* (TILLICH, 1951, p. 50). Nesse sentido, Tillich, mais do que situar-se na perspectiva da justificação pela fé (como fez Lutero), orienta sua teologia na perspectiva da nova criação – o que, mais uma vez, abre perspectivas para o diálogo com a teologia latino-americana, uma vez que esta, desde as suas primeiras produções, enfatiza o surgimento do novo, a transformação social e a tematização, no campo pastoral, da visão bíblica do “novo céu e da nova Terra”.

Com isso, o teólogo não estimula a eliminação do paradoxo cristológico em benefício de um maior teocentrismo ecumênico; ao contrário, é precisamente na confissão de Jesus ser o Cristo é que há a chance de assegurar para o Cristianismo o diálogo não autoritário. Há uma particularidade (Jesus) conectada a uma universalidade (Cristo) que mantém o Cristianismo como religião singular, na medida em que atesta a revelação final. Tal revelação é inseparável do mistério da morte e da ressurreição; e o significado último dela, firmado na doutrina de Cristo como o Novo Ser, é encontrado na Cruz.

A particularidade singular e relativa do Cristianismo é possibilitada pela Cruz. Ela é a condição da glória. A Cruz tem um valor simbólico universal uma vez que o Cristo ressurreto livra a pessoa de Jesus de um particularismo o qual faria dele propriedade de um povo particular.

A perspectiva teológica do martírio e do sofrimento humano – ênfase constante na teologia latino-americana – constrói bases comuns de encontro das religiões, pois são experiências que abrangem a universalidade da dimensão humana. Ao mesmo tempo, a Cruz e o mar-

tírio podem ser elementos de discernimento das propostas religiosas. No caso latino-americano, as experiências relacionadas à teologia de prosperidade, como são conhecidas, tendem, por exemplo, a omitirem ou camuflarem ideologicamente a perspectiva da Cruz.

O Cristianismo é baseado, portanto, em uma ausência (o túmulo vazio). É essa consciência do vazio que oferece condições para o relacionamento com o outro. Nesse sentido, o diálogo com outras religiões é uma vocação cristã (GEFFRÉ, 1994, p. 273-275).

A realidade latino-americana, por suposto, requer um aprofundamento dessas questões, em especial pela diversidade e pela afirmação religiosa, nas últimas décadas do século XX, de diferentes agrupamentos, especialmente os que valorizam as raízes africanas e indígenas.

2.2. O paradoxo do Cristianismo como a religião da revelação final

Realização histórica alguma constitui a essência do Cristianismo; este é essencialmente um protesto contra um conceito histórico de essência. Isso quer dizer que a essência do Cristianismo não coincide com qualquer de suas realizações históricas e que ela pode ser encontrada em outras religiões que não o Cristianismo.

As práticas religiosas exclusivistas e o eclesiocentrismo que por vezes configuram o pensamento e as práticas das igrejas são combatidos pela noção de que a Comunidade Espiritual - conceito caro à Tillich - é criada pela Presença Espiritual e não por mera iniciativa humana e se revela na humanidade, tanto em grupos seculares com em diferentes religiões, e não apenas nas formas históricas das igrejas cristãs.

Nesse sentido, para Tillich, há historicamente uma tensão entre a verdade do Cristianismo e a superioridade dele. O paradoxo consiste na declaração de que o Cristianismo como religião da revelação final nega o clamor de incondicionalidade por parte de qualquer religião particular, a começar pelo próprio Cristianismo. Trata-se de uma preocupação última que possibilita a distinção entre a essência da revelação e a forma concreta e histórica dela.

O paradoxo da perfeita revelação consiste no fato de que ela precisa reconciliar em seu interior os elementos de realização concreta e o protesto perturbador que nega tal realização. O que dificulta o diálogo interreligioso é que cada religião quer possuir a revelação final,

a revelação do Absoluto. No caso do Cristianismo, a missão da igreja não é converter as pessoas para a própria igreja e sim, ao contrário, convertê-las para a natureza incondicional da revelação final. Na superação dessa tensão encontram-se possibilidades de aproximação e de diálogo entre as religiões.

Tillich indica que as experiências revelatórias em todas as religiões são participações fragmentárias na unidade transcendente do que ele chamou de vida sem ambiguidades (GEFFRÉ, 1994, p 277-280). Isso encontra-se, sobretudo, nos conceitos de Comunidade Espiritual latente e manifesta, os quais relativizam a identificação destes com as igrejas cristãs.

As igrejas representam, ao mesmo tempo, a atualização e a distorção da Comunidade Espiritual. Atualização, porque as igrejas se autocompreendem como efetivação do *Kairos* e possuem a vida baseada na vida transcendente e sem ambiguidade de Cristo. Distorção, porque como igrejas participam na ambiguidade da religião e da vivência humana em geral. Nesse sentido, o encontro das temáticas eclesiológica e soteriológica representa para o contexto latino-americano um desafio teológico e pastoral de fundamental importância, devido à forte aceitação da máxima “Fora da Igreja não há Salvação”.

2.3. A religião como preocupação última

Tillich indicou que a base religiosa universal é a experiência do Santo dentro do finito. O Santo, como realidade teológica e espiritual fundamental, surge nas coisas finitas e particulares, tanto nas concretas como nas universais. Ele é a base sacramental de todas as religiões. Pode ser visto e ouvido “aqui e agora”, não obstante o seu caráter misterioso. A experiência do Santo, como vivência do *Ultimate Concern*, é a convergência de todas as religiões e permite um critério comum para o diálogo interreligioso (GEFFRÉ, 1994, p. 281-285).

Todavia, a base sacramental do que é Santo e último está sujeita, por sua finitude – como referiu-se Tillich – à demonização. Surge a mística, como movimento crítico, como um “para além de”, como uma insatisfação com as expressões concretas do Último, do Santo. Este está além de qualquer corporificação. A concretização da experiência última é aceitável, mas possui caráter e valor secundários. Há uma

reserva religiosa ao concreto, que evita formas de sacramentalismos e similares. O pluralismo religioso precisa ser discernido tendo como base tais perspectivas.

Há um terceiro elemento da experiência religiosa que é o profético. Com ele, a dimensão sacramental é criticada em função de eventuais consequências demoníacas, como a negação da justiça em nome da santidade, por exemplo. Trata-se do elemento ético, daquilo “que deve ser”, da obrigação religiosa ao concreto, que evita o espiritualismo. No entanto, sem as dimensões sacramental e mística, a experiência religiosa torna-se moralismo e seculariza-se.

A relação positiva e negativa desses elementos - a saber: o Santo, o místico e o profético - possibilita, à história das religiões, o caráter dinâmico; a todas as religiões, um *telos* interior, uma preocupação última. Mesmo com reservas à nomenclatura, Tillich sintetizou essa perspectiva como a “Religião do Espírito Concreto”. Esta não pode ser jamais identificada com qualquer religião, nem mesmo o Cristianismo, mas está, fragmentariamente, no centro da direção e da orientação de todas as coisas.

O processo de concretização da experiência religiosa pode gerar, ao fim, um secularismo, uma vez que a crítica tende a atenuar ou mesmo eliminar o caráter sacramental e místico. Todavia, esse processo não se sustenta por si mesmo, uma vez que não possui um sentido maior e último. Por isso, surge uma nova teonomia, ainda que fragmentariamente. É nesse processo que vivem as religiões (TILLICH, 1966, p. 86-90).

Últimas considerações

A vocação ecumênica, ao marcar as reflexões teológicas e pastorais, indica que o caráter de apologia, de sectarismo ou de exclusivismo são ou devem ser evitados. Deus é sempre maior do que qualquer compreensão ou realidade humana. Age livremente, em especial na ação salvífica. Nesse sentido, não é preciso estar excessivamente preocupado em descobrir quem é ou será salvo (para utilizar o imaginário comum dos cristãos); mas quem é e o que representa Jesus Cristo para a comunidade cristã. Esse patrimônio teológico é comum aos pensamentos de Tillich e da teologia latino-americana.

Como vimos, o debate entre fé e pluralismo religioso não pode se isentar do tema da salvação. A formação do sentido da salvação começa na ausência dele na humanidade. A vida humana depende, como indicou Paul Tillich, de “forças curadoras” que impeçam que as estruturas autodestrutivas da existência mergulhem na humanidade a ponto de provocar uma aniquilação completa (TILLICH, 1957, p. 166). A revelação de Deus encontra ressonância nessa busca humana. Daí a compreensão de salvação como cura, pois, ao encarnar-se, Deus reúne aquilo que está alienado e disperso. Trata-se de superar o abismo entre Deus e o ser humano, entre o ser humano consigo mesmo, com o seu próximo e com a natureza.

A consciência religiosa, como preocupação última, afirma sempre a transcendência incondicional ao lado da concretude que torna possível o encontro humano-divino. Nesse sentido, o processo de salvação só é possível com uma mediação. No caso da fé cristã, Jesus Cristo “representa Deus junto aos homens, e os homens junto a Deus” (TILLICH, 1957, p. 169). Como o Novo Testamento registra: “Tudo provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação, a saber, que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo...” (II Coríntios 5. 18-19).

A superação da ambiguidade humana encontra resposta na tensão vivida por Jesus Cristo entre as forças curadoras nele reconhecidas e as estruturas autodestrutivas da existência humana. Por isso, para a fé cristã, desafiada pelo diálogo decorrente do quadro de pluralismo religioso, o critério da salvação encontra-se em Jesus, o Cristo. Isso porque sua vida não oculta a limitação humana (objetiva) ao revelar a possibilidade da morte a ser assumida (objetivamente) pelos seres humanos e, ao mesmo tempo, possibilita a estes a participação (subjativa) no poder de Deus ao vivenciar a superação da morte (subjativamente) com o sentido da salvação.

Essa perspectiva de Tillich o remete à busca de um novo paradigma para a teologia das religiões. Trata-se da superação dos seguintes modelos: o que considera Jesus Cristo e a Igreja como caminho necessário para a salvação; o que considera Jesus Cristo como caminho de salvação para todos, ainda que implicitamente; e aquele no qual Jesus é o caminho para os cristãos, enquanto para os outros o caminho é a

sua própria tradição. A perspectiva pluralista, que advogamos, possui como característica básica a noção de que cada religião tem a sua proposta salvífica e de fé que devem ser aceitas, respeitadas e aprimoradas a partir de um diálogo e aproximação mútuas. Assim, a fé cristã, por exemplo, necessita ser reinterpretada a partir do confronto dialógico e criativo com as demais fés. O mesmo deve se dar com toda e qualquer tradição religiosa. Aqui, há um ponto de novidade que coloca a todos em constante desafio.

Referências

BRAATEN, Carl E. “Paul Tillich e a tradição cristã clássica” (pp. 11-28). In: TILLICH, Paul. *Perspectivas da Teologia Protestante nos Séculos XIX e XX*. São Paulo-SP, ASTE, 1986

DUPUIS, Jacques. “O debate cristológico no contexto do pluralismo religioso” (pp. 75-88). In: TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto (org.). *Diálogo dos Pássaros*. São Paulo-SP, Paulinas, 1993.

ELIADE, Mircea. Paul Tillich and the History of Religions. In: TILLICH, Paul. *The Future of Religions*. New York-USA, Harper&Row, 1966 (Editado por Jerald C. Brauer).

GEFFRÉ, Claude. “Paul Tillich and the future of interreligious ecumenism”. In: Raymond F. Bulman & Frederick J. Parrela (eds.). *Paul Tillich: a new catholic assessment*. Collegeville, Minnesota, The Liturgical Press, 1994.

MATHIAS, Luiz Guilherme Kochem. “Teologia Sistemática e Religiões Mundiais: aproximações tillichianas ao tema da pluralidade religiosa”. Tese de doutorado. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013.

TILLICH, Paul. *The Future of Religions*. New York-USA, Harper&Row, 1966 (Editado por Jerald C. Brauer).

_____. *Systematic Theology*. Vol. II. Chicago-USA, The University Chicago Press, 1957.